

Robson Tadeu Cesila

Metapoesia nos epigramas de Marcial: tradução e análise

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Lingüística, na área de Letras Clássicas.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos

Instituto de Estudos da Linguagem
Unicamp
2004

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

C337m Cesila, Robson Tadeu.
Metapoesia nos epigramas de Marcial: tradução e análise / Robson Tadeu Cesila. - Campinas, SP : [s.n.], 2004.

Orientador : Prof. Dr. Paulo Sérgio de Vasconcellos.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Poesia Latina. 2. Epigramas. 3. Marcial - Humor, sátira, etc. 4. Metalinguagem. 5. Literatura clássica. I. Vasconcellos, Paulo Sérgio de. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

2.1. O gênero epigramático: da inscrição à consagração

A palavra *epigrama* significa, etimologicamente, “inscrição”, e vem do substantivo grego ἐπίγραμμα (*epígramma*; latim *epigramma*), formado a partir do verbo ἐπιγράφειν (*epigráphein*), que significa “inscrever”, “gravar uma inscrição” (ἐπί / *epí*, prefixo = em cima de, sobre; γράμμα / *grámma* = letra, escrito: *epígramma* = o que é escrito, inscrito sobre algo, inscrição)⁴. Os estudiosos da história literária grega e latina são unânimes em afirmar que o termo *epigrama* designava, no período arcaico da Grécia, inscrições em verso gravadas em monumentos, túmulos, estátuas, objetos ofertados, etc. Tais inscrições serviam, portanto, de homenagem às pessoas falecidas, como dedicatórias aos destinatários de uma oferta ou como simples descrições ou legendas de obras de arte e monumentos. Segundo López Férez (1988: 842), as mais antigas inscrições desse tipo datam do século VIII a.C. e são compostas por versos em hexâmetros, mas o dístico elegíaco, segundo o autor, acabou por se tornar, com o tempo, o metro típico desses epitáfios e ex-votos. Com as guerras Médicas, já no período clássico grego, essas inscrições tornaram-se mais numerosas em razão das homenagens prestadas nos túmulos dos soldados mortos nos combates e nos troféus ofertados aos guerreiros vencedores. O autor do primeiro epigrama conhecido viveu provavelmente nessa época: Íon de Samos, que compôs os versos inscritos na estátua consagrada por Lisandro quando da tomada de Atenas (cf. López Férez, *ibid.*).

Foi no período helenístico, porém, que o epigrama, embora mantendo a brevidade como a sua principal característica, se libertou de sua finalidade prática e de sua estreita vinculação a um suporte material (Conte, 1994: 506). Passou, então, a abarcar uma gama maior de temas, tornando-se poesia de ocasião, ou seja, poesia que retrata o momento, os pequenos acontecimentos do dia-a-dia, de forma que se tornaram infinitamente mais comuns que os epigramas sepulcrais aqueles de temática satírico-jocosa e erótica, ou os destinados à felicitação de amigos e patronos por um aniversário, casamento, restabelecimento da saúde, retorno de uma viagem, etc. (cf. Conte, *ibid.*). Datam do período helenístico da literatura grega muitos dos epigramas reunidos na chamada *Antologia Grega* ou *Antologia Palatina*, uma coleção de epigramas gregos, de diversas épocas e autores –

⁴ Bailly, A. *Dictionnaire Grec-Français*. 26. ed. Revue par L. Séchan et P. Chantraine. Paris: Hachette, 1963 (p. 744, B-I).

abrangendo peças compostas do século VII a.C. ao VI d.C. –, transmitidos à posteridade por um manuscrito do século X.

Na literatura latina, o epigrama não havia tido, segundo Conte (1994: 506-507), uma grande tradição. Além disso, dos poetas epigramáticos latinos, citados por Marcial e por outros autores, quase nada foi preservado. Apenas de Catulo, que, influenciado pela poesia grega helenística, cultivara o gênero, sobreviveu uma produção considerável, embora sua obra não seja composta apenas de epigramas. Outros poetas e prosadores chegaram a escrevê-los, mas sempre como uma atividade poética secundária, sem maiores preocupações estéticas e ambições literárias: uma forma, enfim, de preencher seu tempo livre, seu *otium*⁵. Foi apenas com a obra de Marcial, no século I d.C., que o epigrama adquiriu maior importância e abandonou definitivamente sua dimensão “menor” para ascender verdadeiramente ao posto de gênero poético. Muito contribuiu para isso não só a extensão de sua produção poética e a exclusividade que concedeu, em sua obra, ao gênero epigramático, mas também – e principalmente – o talento e a arte que empregou na composição de seus poemas.

As características predominantes nos epigramas de Marcial acabaram se tornando, para sempre, as características do próprio gênero, a tal ponto que as definições que se encontram, nos dicionários modernos, para a palavra *epigrama*, contemplam sobretudo a brevidade e o teor satírico-jocoso, exatamente os traços marcantes da poesia de Marcial. É importante, porém, ressaltar dois pontos: primeiro, que esses traços não são inovações de Marcial e decorrem de toda uma tradição, sobretudo grega, anterior ao poeta; segundo, que, embora a maior parte dos epigramas de Marcial seja formada por peças curtas e satíricas, não se pode esquecer que ele escreveu também peças longas e de temática não-satírica, as quais chamou igualmente *epigramas*. Comentemos um pouco cada um desses dois pontos.

A brevidade do gênero epigramático está ligada, segundo os teóricos da literatura greco-latina, à sua função original de inscrição tumular ou votiva. Martin & Gaillard (1990: 404), por exemplo, afirmam que, embora tenham sobrevivido epigramas longos gravados em túmulos e monumentos, o espaço físico de que se dispunha para a inscrição dos mesmos fez com que eles nascessem já como um gênero marcado pela concisão. E evocam como

⁵ Os antigos romanos e gregos chamavam *otium* ou *skholē* (σχολή) ao tempo disponível para o lazer, a política, o estudo, a educação, a cultura. Privilégio das elites, o *otium* se opunha ao trabalho físico, que era visto como degradante e reservado, geralmente, aos escravos (OCD: 809).

testemunho o sentido figurado do adjetivo francês *lapidaire*, que se refere à concisão e brevidade próprias das inscrições tumulares (note-se que essas considerações valem igualmente para o adjetivo português *lapidar*). Quanto à temática satírica que predomina nos epigramas de Marcial, deve-se lembrar que ela já fora, um século antes, uma das vertentes da poesia catuliana, e que Marcial reconhece a influência desta em sua obra.⁶

A outra questão exposta acima, relativa à presença, ainda que em menor quantidade, de epigramas longos e não-satíricos na obra de Marcial, levanta interessantes e complexas questões quanto à concepção de *epigrama* que permeia a sua produção poética. Segundo estatísticas apresentadas por Dezotti em sua dissertação de Mestrado (1990: 76-77), cerca de 88% dos epigramas de Marcial são curtos (têm até doze versos, número-limite, no levantamento feito pelo pesquisador, para se considerar breve um epigrama).⁷ Quanto ao conteúdo da obra do epigramatista, os poemas satíricos representam cerca de 67% (787 epigramas) do total (cf. Dezotti, p. 84). Embora esses dois traços – brevidade e temática satírico-jocosa – predominem, não se pode ignorar a existência das 140 peças longas e 384 peças não-satíricas (números de Dezotti) na obra de Marcial. Há, por exemplo, 20 epigramas que possuem entre 20 e 51 versos. Tal fato foi também tratado pelo epigramatista em alguns de seus metapoemas, que constituem sua defesa diante daqueles que poderiam acusá-lo – e provavelmente o acusavam – de não estar seguindo aquela que era certamente a principal “regra” do gênero: a brevidade. Quanto aos poemas não-satíricos de sua obra, Marcial não precisava se preocupar em se defender de possíveis críticos, uma vez que a tradição epigramática já consolidara, desde que o epigrama se libertou de sua função sepulcral e votiva, uma grande liberdade de temas. Não há, até onde pudemos apurar, nenhum poema em que Marcial se desculpe ou se defenda por ter escrito epigramas não-satíricos: ao compor poemas sepulcrais, erótico-pederásticos, adulatórios, amorosos, etc., o poeta estava simplesmente adotando temas consagrados pela tradição. Não vamos nos alongar nessas questões neste momento, pois os epigramas que ilustram os fatos acima apresentados serão traduzidos no terceiro capítulo desta dissertação e mais bem analisados em nossas conclusões, no capítulo final.

⁶ Veja-se, a título de exemplo, o prefácio do autor ao Livro I.

⁷ É importante lembrar, no entanto, que Dezotti não incluiu em seus cálculos os 350 dísticos dos livros *Xenia* e *Apophoreta*.

Resta, por fim, mostrar em quê o poeta se destacou de todos os seus antecessores – já que a brevidade e o teor satírico-jocoso não foram inovações suas – a ponto de ter se tornado o maior epigramatista latino e o principal modelo de todos os poetas posteriores que se dedicaram ao gênero. A maior contribuição de Marcial, segundo diversos autores (Conte, 1994: 508; Gentili, 1987: 437-438; Citroni et al., 1991: 187; Martin & Gaillard: 1981: 409), está no aperfeiçoamento e na primazia com que usou a técnica de produção do humor e da graça no epigrama. Tal técnica, que já está presente na poesia helenística e sobretudo nos epigramas de Lucílio – poeta que escreveu em grego e viveu em Roma na época de Nero – , consiste em estruturar o epigrama em duas partes: a primeira, mais extensa, expõe, explica, desenvolve o tema, criando uma tensão e uma expectativa no leitor, e deixa para a segunda parte, correspondente em geral ao último verso ou às últimas palavras do poema, a frase picante, o dito mordaz, o comentário inteligente e espirituoso, os elementos, enfim, responsáveis pelo humor e pela graça do epigrama. O efeito da parte final é tanto maior quanto mais surpreendente e inesperado for o elemento cômico nela presente. Vejamos o epigrama 26 do Livro III, em que Marcial se dirige a um certo Cândido (note-se a significativa escolha do nome):

“Você tem imóveis só teus⁸, e dinheiro, Cândido, só teu,
você tem taças de ouro só tuas, tem vasos de mirra só teus,
você tem vinhos do Mássico só teus, e vinhos de Cécuba, do tempo de Opímio, só teus,
e tem uma inteligência só tua, e um talento só teu.
Tudo você tem só teu – e nem pense que isso eu quero negar –,
mas você tem uma esposa, Cândido, em comum com todo mundo.”⁹

Note-se que o efeito cômico-satírico do epigrama está no último verso, mais especificamente nas duas últimas palavras (*cum populo*). É opinião unânime dentre os estudiosos da poesia latina que jamais essa técnica do fecho cômico e espirituoso fora trabalhada, por outro poeta epigramático, com tanta perfeição como na poesia de Marcial.

⁸ Sobre a mescla, em nossa tradução, de formas pronominais de segunda e terceira pessoas, veja-se, mais adiante, o item 3.2 desta dissertação.

⁹ “Praedia solus habes et solus, Candide, nummos,/ aurea solus habes, murrina solus habes,/ Massica solus habes et Opimi Caecuba solus,/ et cor solus habes, solus et ingenium./ Omnia solus habes – nec me puta uelle negare – / Vxorem sed habes, Candide, cum populo.” Note-se a significativa escolha do nome: *candidus*, a exemplo do adjetivo português dele derivado, pode significar “ingênuo”, “inocente”, possível alusão à ignorância do personagem em relação à infidelidade de sua esposa.

São esta e outras qualidades, baseadas mais no tratamento dado ao gênero do que em inovações propriamente ditas, que imortalizaram o nome de Marcial e o ligaram para sempre ao gênero epigramático que praticou, permitindo que outros traços de sua poesia – a brevidade e a temática satírico-jocosa, predominantes em sua obra – pudessem consolidar-se como as características principais do gênero e do conceito de *epigrama* a partir de então.

2.2. Marcial: vida e obra

Com exceção de uma carta de Plínio, o Jovem (III, 21), ao seu amigo Cornélio Prisco, a única fonte que pode fornecer dados biográficos sobre Marcial é sua própria obra.¹⁰ A data de seu nascimento nos é fornecida pelos epigramas X, 24 e X, 29: as calendas de Marte, o dia primeiro de Março. O ano, porém, deixa algumas dúvidas, devido à dificuldade de datação do primeiro dos epigramas acima, em que o poeta informa ter, no momento em que o escreve, 57 anos. O Livro X teve, segundo os pesquisadores que se dedicaram a estudar a cronologia da obra de Marcial¹¹, duas edições, uma em 95 (perdida) e outra em 98 d.C. (a que chegou até nós); portanto, o ano de nascimento do poeta se situaria entre 38 e 41 d.C. Um dado sobre o qual não resta dúvidas é o seu local de nascimento, tantas vezes mencionado e celebrado pelo poeta: a pequenina Bílbilis, na província romana da Hispânia Tarraconense (vejam-se, por exemplo, I, 49; I, 61; IV, 55; X, 13; X, 65, etc.).

No ano de 64 – o ano do grande incêndio ocorrido no governo de Nero –, Marcial vai para Roma, onde recebe o apoio da família dos Sênecas, oriunda, como ele, das Hispânicas (cf. Conte, 1994: 505). A data da chegada do poeta a Roma é fornecida pelo epigrama X, 103, em que ele diz estar na cidade há 34 anos. Como a segunda edição do Livro X é de 98 d.C. – e, ao que tudo indica, os epigramas X, 103 e X, 104 só fizeram parte da segunda edição do livro, já que Marcial anuncia neles sua iminente partida de Roma, que se daria pouco depois da publicação do Livro X –, pode-se concluir que a data de chegada do poeta à cidade se deu no ano de 64 (cf. Bickel, 1982: 600).

¹⁰ Tanto quanto se podem inferir dados históricos de obras ficcionais. Na falta de fontes mais isentas e objetivas a respeito da vida de Marcial, adotaremos os dados biográficos que podem ser obtidos a partir de sua obra, a exemplo do que fazem todos aqueles que estudaram a vida e a obra desse e de outros poetas. Estamos cientes, porém, da confiabilidade apenas relativa dessas informações, já que provêm de obra ficcional.

¹¹ Vejam-se, por exemplo, Sullivan (1991) e Citroni (1988).